Quando as democracias começam a morrer

Publicado em 2026-11-20 13:25:00



Quando as democracias começam a morrer

O autoritarismo cresce onde a democracia deixou de cumprir.

> com causalidade. O crescimento de forças autoritárias não tem uma causa única: insegurança económica, desigualdade de poder, perda de confiança institucional, polarização, desinformação e fragilidade dos contrapoderes interagem de formas diferentes em cada sociedade.

Durante décadas, o Ocidente convenceu-se de que a democracia tinha vencido.

A queda do Muro de Berlim parecia confirmar uma espécie de destino histórico: mais liberdade, mais prosperidade, mais democracia.

Estávamos enganados.

A Freedom House registou em 2025 o **vigésimo ano consecutivo de declínio global da liberdade**. O V-Dem considera que existem hoje mais autocracias do que democracias e que cerca de três quartos da população mundial vivem em regimes classificados pela organização como autocráticos.

A democracia está a recuar.

Não foi necessária uma conspiração

Não precisamos de imaginar uma cabala mundial de poderosos reunida numa sala a decidir empobrecer as populações e destruir as democracias.

Bastaram décadas de decisões, interesses e incentivos que produziram cumulativamente um resultado político explosivo.

A riqueza cresceu extraordinariamente.

Mas demasiadas pessoas deixaram de sentir que crescia com elas.

Trabalham, mas não conseguem comprar casa.

Têm emprego, mas receiam perdê-lo.

Possuem formação superior, mas não encontram a mobilidade social que lhes foi prometida.

Pagam impostos, mas encontram serviços públicos degradados.

Uma pessoa não precisa de estar estatisticamente na pobreza para se sentir empobrecida.

Basta trabalhar mais, pagar mais e sentir que controla cada vez menos a própria vida.

É aí que começa o problema político.

Quando trabalhar deixa de significar progredir

Durante grande parte do pós-guerra existiu um contrato implícito.

Trabalha.

Cumpre as regras.

Paga impostos.

E terás uma possibilidade razoável de construir uma vida melhor.

Casa.

Reforma.

Filhos com melhores oportunidades.

Quando esse contrato deixa de funcionar para uma parte suficientemente grande da população, surge inevitavelmente uma pergunta:

> **«Para quem funciona afinal este sistema?»**

Se os partidos democráticos não conseguem responder, alguém responderá por eles.

E normalmente traz uma resposta extraordinariamente simples.

O autoritário traz culpados

Os problemas modernos são complexos.

O populismo transforma-os em pessoas.

A culpa é dos imigrantes.

Dos jornalistas.

Dos juízes.

Das minorias.

Dos globalistas.

Da esquerda.

Da direita.

Pouco importa.

Cada país escolhe os seus inimigos.

O mecanismo é muito mais importante do que o culpado escolhido:

existe um problema real, identifica-se um inimigo e aparece um líder que promete eliminá-lo.

E finalmente chega a frase:

«Dêem-me poder e eu resolvo.»

É aqui que uma crise económica e social começa a transformar-se numa crise democrática.

A democracia exige negociação, Parlamento, tribunais, oposição, imprensa, fiscalização e compromisso.

É deliberadamente lenta.

Quando funciona, chamamos-lhe equilíbrio de poderes.

Quando deixa de resolver os problemas quotidianos, começamos a chamar-lhe incompetência.

O autoritário percebe perfeitamente esta mudança.

E oferece uma troca sedutora:

menos limites em troca de mais eficácia.

Primeiro é necessário contornar uma regra.

Depois neutralizar um tribunal.

Depois substituir um funcionário independente.

Depois controlar um órgão regulador.

Depois atacar um jornalista.

Nada disto precisa de acontecer de uma só vez.

> **As antigas ditaduras destruíam a democracia com tanques.**
>
> **Os novos autoritarismos aprenderam a desmontá-la por dentro.**

Primeiro destrói-se a confiança

Um tribunal que contraria o Governo passa a ser inimigo do povo.

Um jornalista que investiga o poder passa a ser mentiroso.

Um adversário político torna-se traidor.

Uma eleição perdida transforma-se numa fraude.

E surge uma ideia extraordinariamente perigosa:

«Eu represento o verdadeiro povo.»

A partir daí, qualquer instituição que limite o líder pode ser apresentada como inimiga da democracia.

Os algoritmos fizeram o resto

Depois chegaram as redes sociais.

Nunca tivemos uma máquina tão eficiente para transformar ressentimento em negócio.

Medo gera atenção.

Indignação gera comentários.

Conflito gera partilhas.

Ódio gera permanência.

E permanência gera dinheiro.

Não é necessário que os donos das plataformas desejem destruir a democracia.

Basta que os algoritmos descubram que **uma sociedade zangada é extraordinariamente rentável**.

O político procura votos.

O influenciador procura seguidores.

Cada actor persegue racionalmente o seu interesse.

O resultado colectivo pode ser irracional.

Ninguém precisa de organizar o caos para que o caos aconteça.

E então chega o voto

É aqui que encontramos a vulnerabilidade mais perturbadora da democracia.

Uma democracia permite votar contra a própria democracia.

Permite eleger alguém que despreza as instituições que o elegeram.

Permite entregar poder a quem pretende enfraquecer os mecanismos que poderão um dia retirar-lho.

A História já nos ensinou isso.

Hitler não começou por derrubar a República de Weimar através de um golpe militar vitorioso.

porta pensaram que conseguiriam controlá-lo.

Enganaram-se tragicamente.

Depois de entrar, destruiu progressivamente aquilo que poderia obrigá-lo a sair.

A lição permanece:

uma democracia pode entregar legalmente o poder a quem pretende destruí-la.

O verdadeiro fracasso

Por isso não chega dizer às populações:

«Defendam a democracia.»

É necessário dar-lhes razões para quererem defendê-la.

Uma democracia precisa de eleições livres, tribunais independentes, imprensa livre e separação de poderes.

Mas também precisa de conseguir construir casas.

Ter hospitais que funcionem.

Combater privilégios.

Controlar a corrupção.

Dar futuro aos jovens.

Porque, quando uma democracia deixa durante demasiado tempo de melhorar concretamente a vida das pessoas, alguém acabará por lhes dizer:

«A democracia é precisamente o problema.»

E algumas começarão a acreditar.

É assim que começam a morrer

As democracias raramente morrem num único dia.

Perdem primeiro a confiança.

Depois perdem a verdade comum.

Depois transformam adversários em inimigos.

Depois aceitam pequenas excepções às regras.

Depois habituam-se a elas.

Ainda existem eleições.

Ainda existe uma Constituição.

Só já não existe poder suficiente fora do Governo para impedir quem governa de fazer aquilo que quiser.

A democracia morreu.

Mas ninguém ouviu os tanques.

Talvez este seja o grande desafio político do nosso tempo.

Não apenas derrotar os autoritários.

Eliminar as condições que tornam o autoritarismo atractivo.

Porque uma democracia não sobrevive apenas por ser moralmente superior a uma ditadura.

Sobrevive quando consegue convencer os cidadãos, através da sua própria vida, de que continua a valer a pena defendê-la.

As pessoas raramente abandonam a democracia porque desejam uma ditadura.

Abandonam-na quando deixam de acreditar que a democracia consegue resolver os seus problemas.

O QUE DEVE SER RETIDO

- A erosão democrática actual ocorre frequentemente de forma gradual e através das próprias instituições.
- Freedom House, V-Dem e International IDEA documentam uma deterioração prolongada de vários indicadores democráticos, embora usem metodologias diferentes.
- O descontentamento económico não explica sozinho o autoritarismo, mas pode criar terreno fértil para discursos que prometem eficácia em troca de limites institucionais.

- Democracia não é apenas votar: exige que quem ganha continue sujeito a regras que permitam a outro ganhar amanhã.

Nota Editorial

Este texto utiliza os termos *autoritarismo*, *autocratização* e *erosão democrática* no sentido usado pela literatura comparada sobre democracia: enfraquecimento progressivo de eleições competitivas, separação de poderes, liberdade de imprensa, direitos políticos e capacidade de fiscalização do Governo.

Não se estabelece aqui uma equivalência automática entre direita radical e autoritarismo. Uma força política pode situar-se muito à direita do espectro ideológico e respeitar integralmente eleições, oposição, tribunais e alternância no poder. A fronteira relevante surge quando um movimento procura reduzir os mecanismos que

> desigualdade conduzam inevitavelmente ao autoritarismo. A tese é mais limitada: quando instituições democráticas deixam durante demasiado tempo de produzir segurança, mobilidade e confiança, aumenta a receptividade a actores que apresentam os próprios limites democráticos como obstáculos à solução dos problemas.

Referências credíveis

- Freedom House — Freedom in the World 2026: The Growing Shadow of Autocracy
- Freedom House — After 20 Years of Global Decline, These Basic Freedoms Have Been Hit Hardest
- V-Dem Institute — Democracy Report 2026
- International IDEA — The Global State of Democracy 2025
- United States Holocaust Memorial Museum — The Enabling Act
- OECD — Employment Outlook 2026

Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos

FC-Chronic-News

☁️ GitHub Pages

🛰️ CodeBerg Pages

🌌 **Fragmentos do Caos:** Blogue • Ebooks • Carrossel

👁️ Esta página foi visitada ... vezes.

Contactos